



O show não pode continuar

Pelo fim do abuso
de animais em
entretenimento
e espetáculos

Setembro 2014

Antes conhecidos como **WSPA**
(Sociedade Mundial de
Proteção Animal)



Entretenimento com animais silvestres é abuso de animais

Ano após ano, em todo o mundo, milhares de animais silvestres são caçados, confinados, mutilados e forçados a viver e a se comportar de maneira avessa aos seus instintos naturais em nome do entretenimento.

Passeios turísticos que utilizam animais silvestres – a exemplo dos passeios de elefante, das sessões de fotos tiradas ao lado de tigres ou do nado na companhia de golfinhos – já são parte das férias de muitas pessoas.

No entanto, temos ciência de que, se a maioria das pessoas que amam os animais soubesse de todo o sofrimento que se esconde por trás destas atividades, elas jamais participariam delas.

Nós, da World Animal Protection, temos mais de 30 anos de experiência na mobilização de governos, autoridades locais, comunidades e proprietários de animais com o objetivo de proteger

os animais silvestres de maus-tratos e abusos na indústria de entretenimento.

Este relatório resalta cinco dos piores tipos de maus-tratos praticados contra animais em nome do entretenimento em todo o mundo atualmente.

Pedimos, então, a aqueles turistas amigos dos animais, como também aos operadores de viagem em todo o mundo, que trabalhem em parceria conosco visando à redução de demanda por estas formas de diversão, para que os animais silvestres continuem na natureza, e para que todos os passeios turísticos que se valem de crueldades contra os animais sejam banidos de vez.



Andando de elefante

Há mais de 25 anos, proprietários de elefantes, assim como operadores de turismo e acampamentos que oferecem estes animais como atração, vêm propondo a turistas a oportunidade de realizarem as suas fantasias e se tornarem 'Mogli, o Menino Lobo' por um dia. Mas fique atento: esta "experiência única na vida" pode significar uma vida inteira de intensos sofrimentos para estes elefantes.

São poucos os turistas que, de fato, estão a par de que estes animais imponentes em que passeiam têm origem silvestre e, portanto, não se desenvolveram para carregar peso sobre o dorso. Desconhecem também que os métodos brutais de adestramento a que eles são submetidos sufocaram os seus instintos mais básicos.

Cruelmente retirados de seu habitat, ou criados em cativeiro, estes elefantes são separados de suas mães e da vida em conjunto com outros de sua espécie com poucos meses de vida. Os elefantes criados para a indústria de turismo passam por enormes dores físicas e traumas psicológicos. O isolamento, a privação de comida e o espancamento são apenas alguns dos métodos iniciais utilizados para suprimir seus instintos naturais e forçá-los a se apresentar em espetáculos. O medo e o sofrimento que estes filhotes de elefante experimentam são intensos. E, assim como seres humanos que sofrem abusos, eles também podem desenvolver algum tipo de transtorno de estresse pós-traumático.

Abusos por uma vida inteira

Os abusos se prolongam por toda a vida destes animais. Muitas vezes, seus adestradores utilizam objetos pontiagudos, como os bull hooks, tubos de ferro com um gancho na ponta, a fim de controlá-los durante espetáculos e passeios turísticos.

Estes artifícios causam ferimentos, os quais rapidamente se transformam em infecções. E quando os passeios terminam, estes elefantes frequentemente têm os seus movimentos limitados por correntes, sendo também mantidos sob a luz do sol e em altas temperaturas, em recintos de concreto que ferem as suas patas. O fato de serem animais bastante sociáveis, que gostam de se tocar uns aos outros, é também comumente ignorado, já que eles são isolados do convívio com outros elefantes.

Muitos destes elefantes sofrem como resultado do estresse físico e mental imposto nestas condições.

Cerca de 16 mil elefantes asiáticos vivem hoje em cativeiros em todo o mundo. A maioria deles foi simplesmente 'roubada' da natureza quando ainda filhote.

Passeios de elefante são oferecidos atualmente na Ásia, na África do Sul, na Botswana, no Zimbábue e na Argentina.

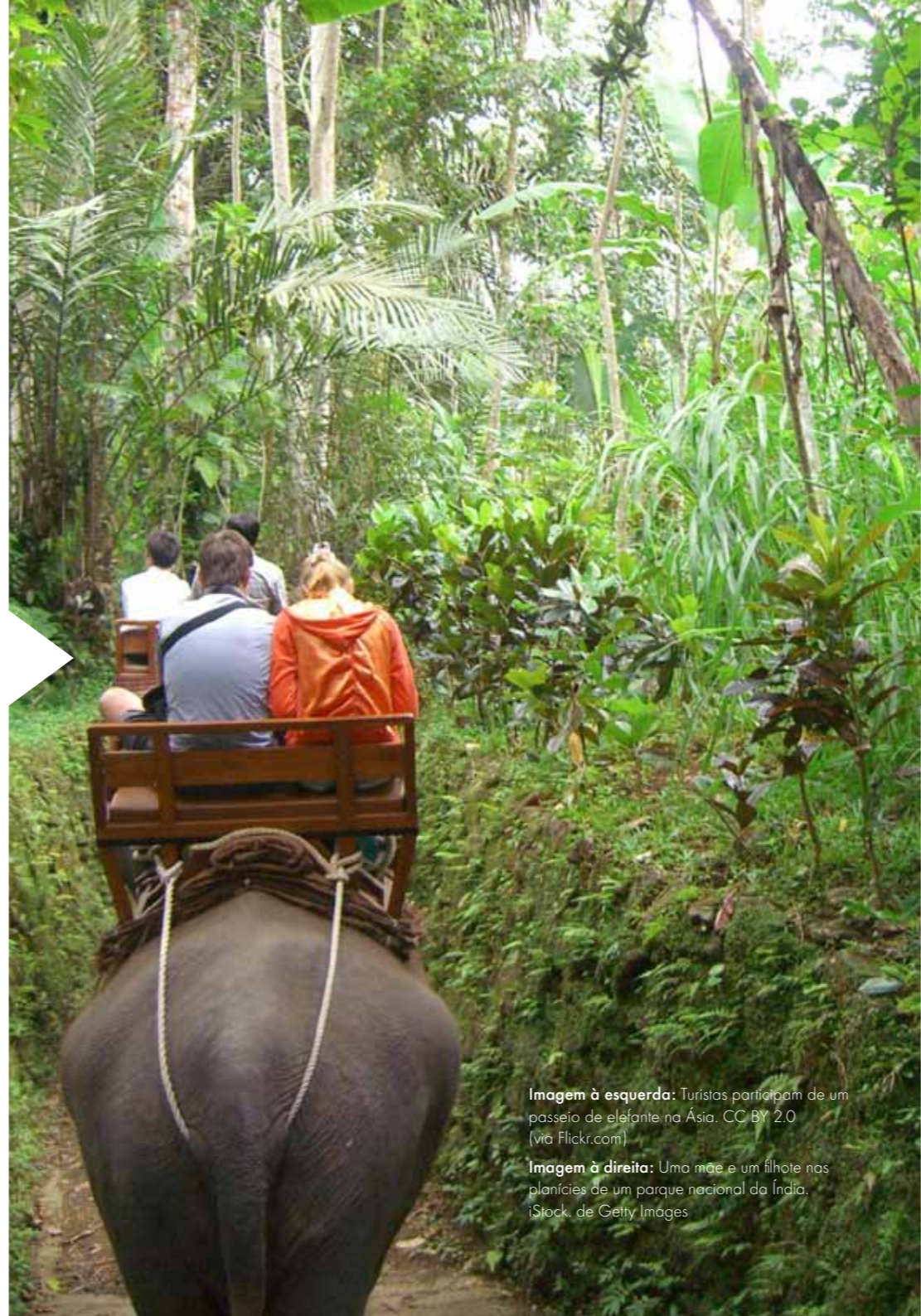


Imagem à esquerda: Turistas participam de um passeio de elefante na Ásia. CC BY 2.0 (via Flickr.com)

Imagem à direita: Uma mãe e um filhote nas planícies de um parque nacional da Índia. iStock, de Getty Images

Fatos sobre os elefantes asiáticos silvestres

Tamanho das manadas:

Até 20 animais, liderados por uma matriarca.

Expectativa de vida:

Até 70 anos

Extensão do território:

600 km²

Encontrados:

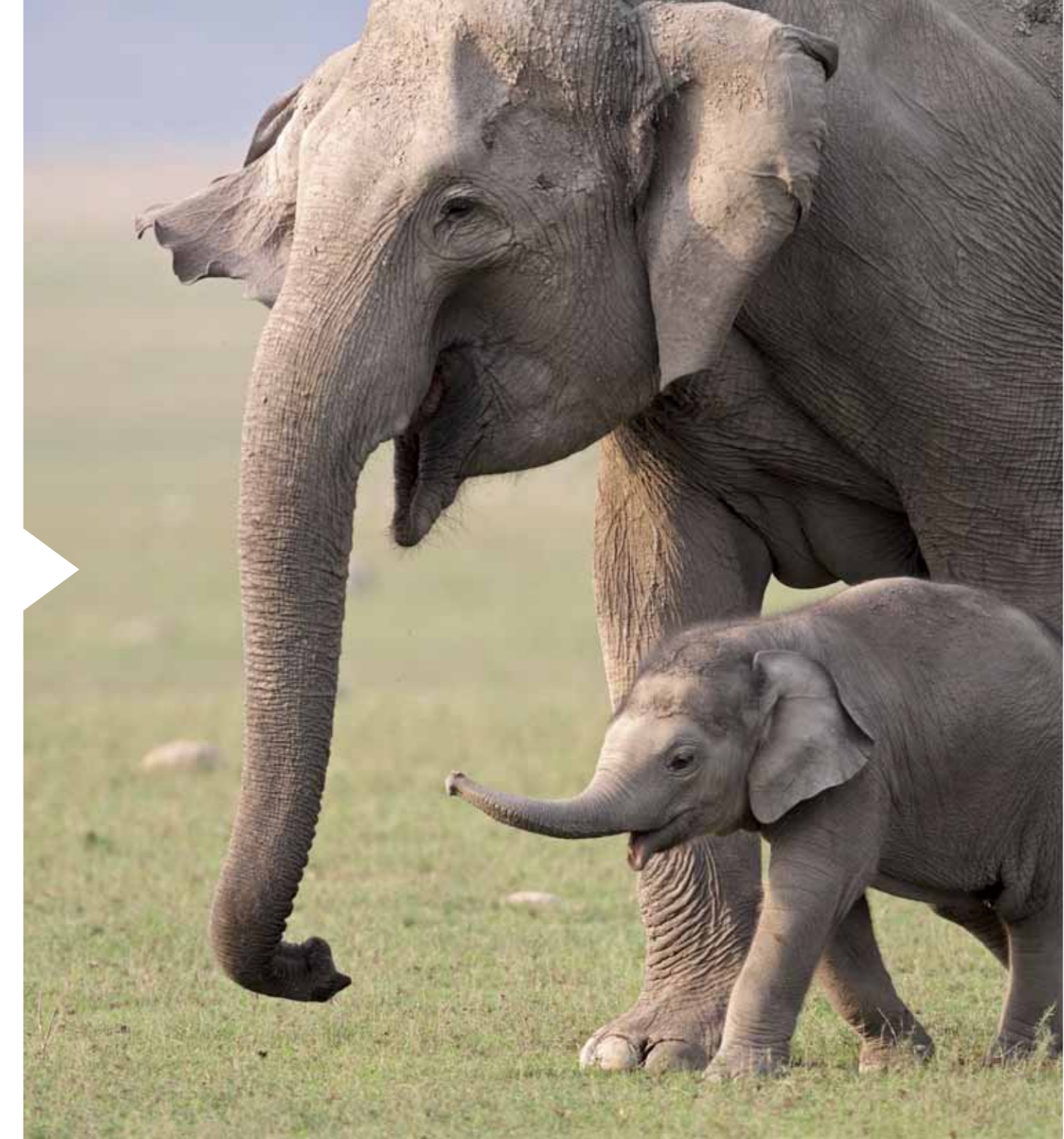
Em 13 países da Ásia e do sudeste asiático

Categoria na lista vermelha da IUCN:

Ameaçado de Extinção

Número de espécimes vivendo em liberdade:

Entre 38.500 e 52.500



Passeando com leões

Caminhar ao lado de leões em uma majestosa paisagem africana é a realização de um sonho para várias pessoas que amam a vida selvagem. Mas a realidade que se esconde por trás disto e de outras formas de contato com leões é bastante triste.

Os leões são animais silvestres. Eles mantêm os seus comportamentos naturais e os seus instintos primais mesmo depois de habituados ao contato humano em cativeiro. Pegar filhotes de leão nas mãos, caminhar ao lado de leões e tirar fotografias bem pertinho deles são práticas comuns no continente africano, especialmente na África do Sul, no Zimbábue, na Zâmbia e nas Ilhas Maurício. Os estabelecimentos que oferecem tais atrações nestes países estão continuamente sendo 'abastecidos' por leõezinhos, a maioria criada em cativeiro e arrancada de suas mães logo após o seu nascimento.

Esta separação pode ser altamente traumática tanto para os filhotes quanto para as leoas, já que, em condições naturais, ambos viveriam juntos por, pelo menos, dois anos. As leoas parem uma ninhada a cada dois ou três anos; entretanto, aquelas forçadas a procriarem para a indústria do entretenimento chegam a ter duas ou três ninhadas por ano.

Um sofrimento sem trégua

Uma vez arrancados do convívio com suas mães, os leõezinhos são frequentemente manuseados por seus proprietários até que aprendam a se alimentar sozinhos e possam entreter turistas. Seus dias se transformam em um sofrimento sem trégua, no qual são tocados, manuseados e fotografados em troca de dinheiro para os seus donos. Trata-se de algo totalmente contrário à vida selvagem esperada para um filhote de leão, que, em outras condições, estaria sendo protegido por sua mãe e dela dependeria para se sentir seguro. Quando em contato com mãos humanas, ainda muito cedo, estes leõezinhos podem sofrer queda de pelos e ter diarreias, além de outras

doenças em decorrência do estresse crônico e da privação de sono a que são submetidos. Quando já estão grandes demais para serem manuseados, eles são frequentemente sedados e castigados até que se comportem de maneira adequada em sessões de fotos com humanos ou em passeios ao lado de turistas.

Eles também podem ser enviados para acampamentos que promovem safáris de caça para serem alvejados e transformados em troféus por caçadores. Só na África do Sul, mais de 160 estabelecimentos voltados à caça de leões foram criados nos últimos 15 anos. A indústria voltada a leões mantidos em cativeiro é tão ponderosa e lucrativa no país que a lei que proibia este tipo de atividade foi revogada já há alguns anos.

Leões filhotes e adultos são também vendidos para zoológicos ou para ricos colecionadores de animais exóticos.

As vantagens de se criar leões em cativeiros são bastante questionáveis. Os animais mantidos nestas condições jamais poderão ser devolvidos à natureza, já que as suas chances de sobrevivência nunca são certas. Seria também altamente irresponsável libertar um predador tão grande, perigoso e acostumado ao contato com as pessoas em lugares onde também podem estar vivendo seres humanos. A despeito de algumas histórias demonstrando a forte ligação entre humanos e leões, estes animais serão sempre capazes de apresentar comportamentos selvagens e, portanto, perigosos para as pessoas mais próximas a eles. A população de leões vem definindo rapidamente por todo o continente africano como resultado da perda do seu habitat, das atividades irregulares de caça e da captura de filhotes para fins comerciais.

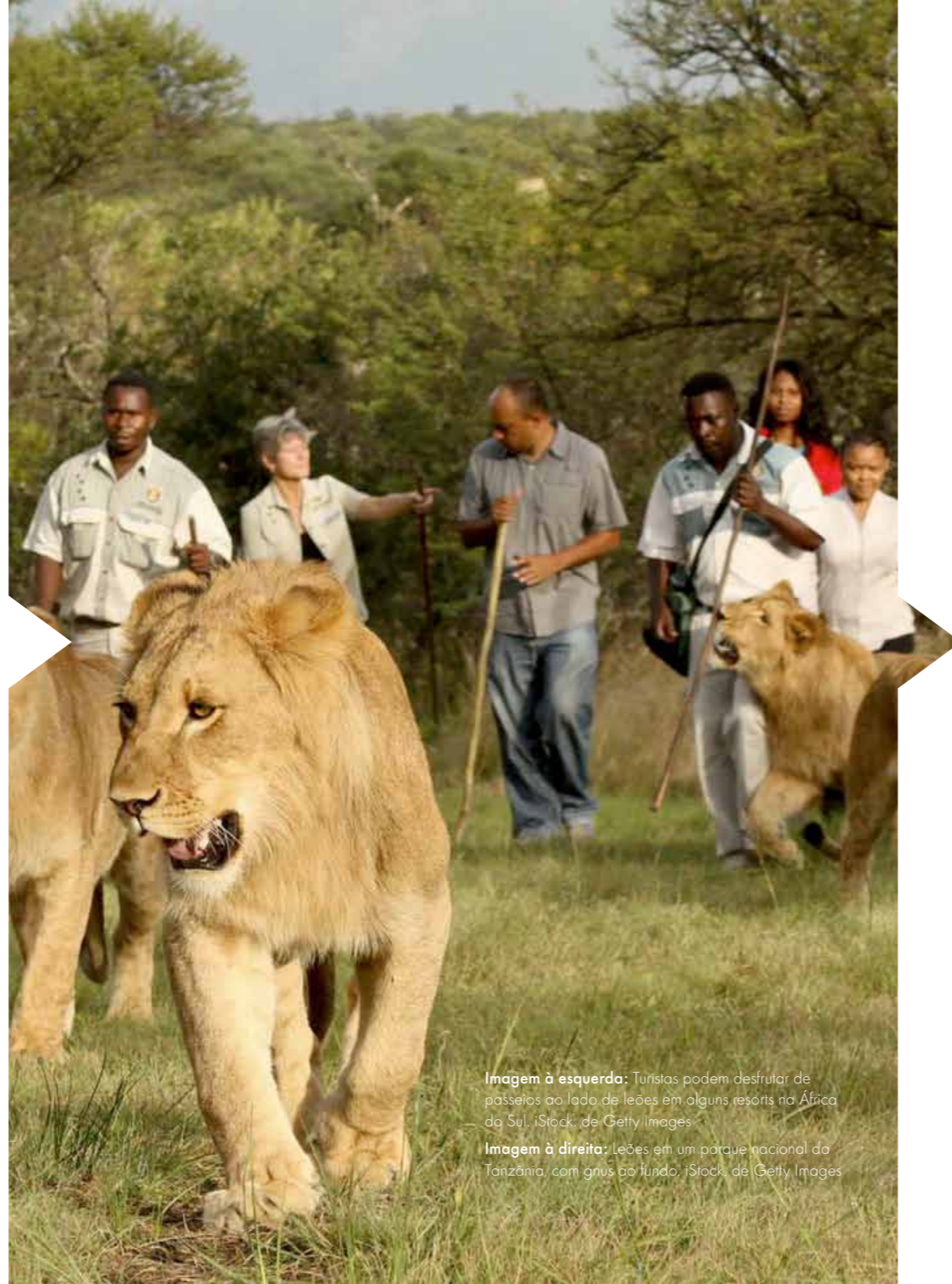


Imagem à esquerda: Turistas podem desfrutar de passeios ao lado de leões em alguns resorts na África do Sul. iStock, de Getty Images

Imagem à direita: Leões em um parque nacional da Tanzânia, com gnus ao fundo. iStock, de Getty Images

Fatos sobre os leões silvestres

Tamanho dos bandos:
13 leões, em média

Expectativa de vida:
Fêmeas - 10 a 14 anos
Machos - 10 a 12 anos

Extensão do território:
200 km², em média

Encontrados:
Na África subsaariana e no oeste da Índia (leões asiáticos)

Categoria na lista vermelha da IUCN*:
Vulnerável

Número de espécimes vivendo em liberdade:
Menos de 25 mil

*União Internacional pela Conservação da Natureza



Fotos com tigres

Uma selfie tirada bem ao lado de um belo e raro tigre é uma oportunidade e tanto para a gente desperdiçar! Mas abrir mão desta oportunidade é exatamente o que deve ser feito por todos aqueles turistas amigos dos animais.

É extensa e chocante a lista de crueldades a que são submetidos os tigres mantidos em cativeiro e usados como adereços para sessões de fotos em atrações turísticas de países como a Tailândia, a Austrália, os EUA, o México e a Argentina.

Criados quase sempre em cativeiro, os filhotes de tigre são arrancados do convívio com suas mães algumas semanas após o seu nascimento. A fim de torná-los mais ‘palpáveis’ para turistas, estes animais têm os seus dentes caninos e as suas unhas retirados, em um processo bastante doloroso. Há também os casos de tigres que, ao se tornarem grandes demais para fotografias, são mortos ou então vendidos para exposições itinerantes de beira de estrada.

Controle cruel

Os métodos de “adestramento” destes tigres são igualmente brutais. Alguns lugares, como o Templo dos Tigres, na Tailândia, mantêm animais adultos acorrentados e os pune como forma de controle e adestramento. O lugar também é conhecido por confinar seus tigres em jaulas minúsculas e precárias quando eles não estão sendo usados.

A facilidade com que os tigres se reproduzem em cativeiro torna também fácil a vida dos empreendedores destas atrações, já que eles não encontram muitas dificuldades para

suprir a crescente demanda por contatos bem próximos com estes felinos. Somente na Tailândia existem 10 lugares, abrigando estimados 614 tigres. O Templo dos Tigres também aumentou a sua população de 20 para 70 animais entre 2007 e 2010.

Este número tende a aumentar, já que várias empresas de turismo, como a Skyscanner, vêm recomendando o estabelecimento como uma das melhores atrações turísticas da Tailândia. Atualmente, o país recebe um fluxo anual de mais de 26 milhões de turistas.

A reprodução em cativeiro é também tida como a principal responsável pelo alto índice de problemas de saúde e de bem-estar sofridos pelos tigres. Eles vão desde cegueira parcial, passando por patas tortas, fendas palatinas e deformidades vertebrais, até disfunções cardíacas, pulmonares e renais.

Existem aproximadamente 5 mil tigres vivendo em cativeiros somente nos Estados Unidos hoje – um número bem maior do que os 3.200 que ainda vivem na natureza.



Fatos sobre os tigres silvestres

Tamanho das alcateias:

São animais geralmente solitários

Expectativa de vida:

10 a 15 anos

Extensão do território:

Até 450 km²

Encontrados:

Em poucas florestas asiáticas.

Categoria na lista vermelha da IUCN:

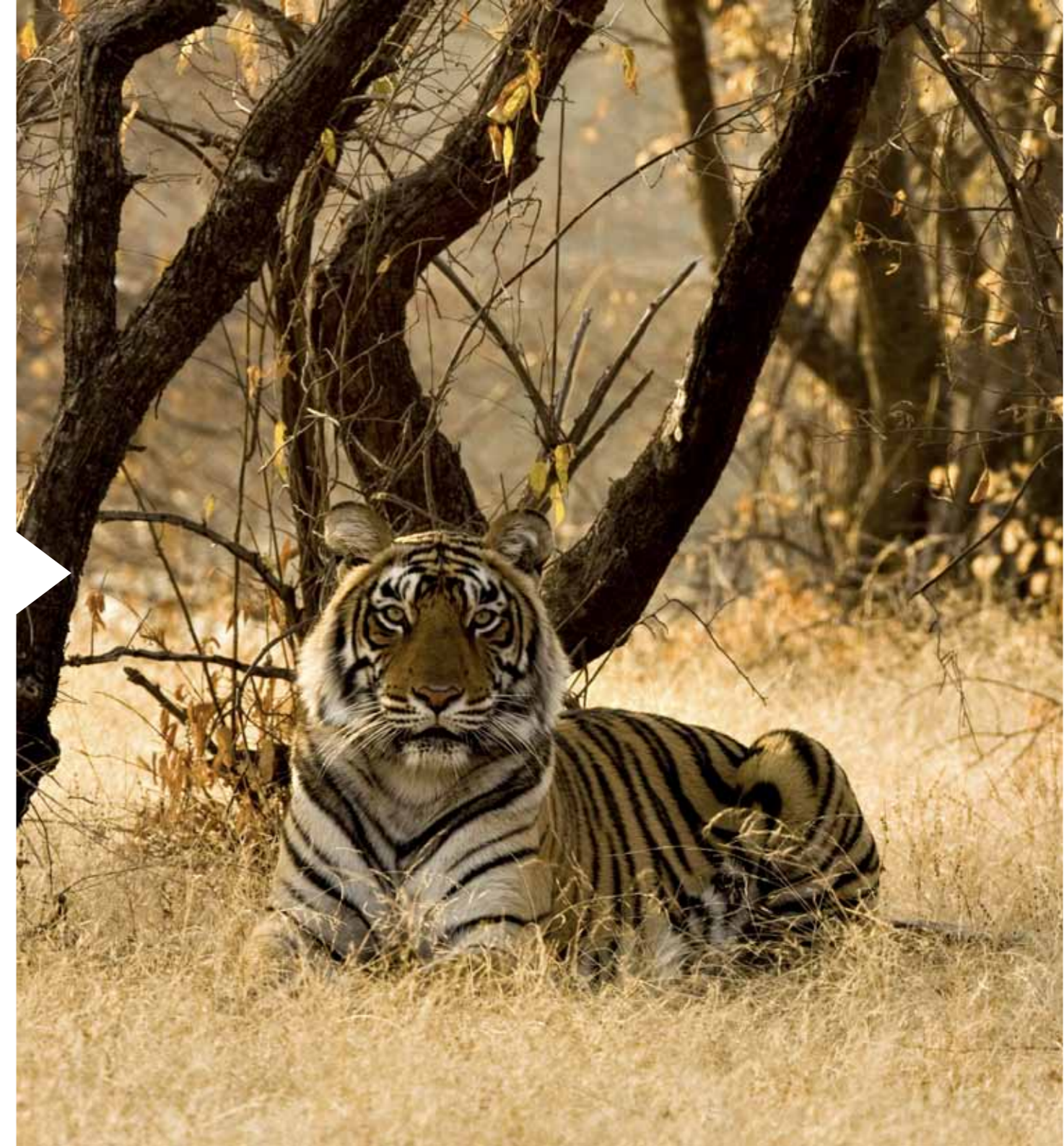
Em perigo ou em perigo crítico de extinção, dependendo da subespécie a que pertencem

Número de espécimes vivendo em liberdade:

3.200

Imagem à esquerda: Um turista posa com um tigre em um mosteiro na Tailândia. iStock. de Getty Images

Imagem à direita: Um tigre na vegetação ressecada de um parque nacional da Índia. iStock. de Getty Images



Nadando com golfinhos

Nadar com golfinhos faz parte daquela lista de ‘coisas que não podemos deixar de fazer antes de morrer’. Mas quanto um golfinho precisa sofrer para realizarmos este sonho?

A maioria dos ‘encontros com golfinhos’ não se dá no mar, residência natural destes animais, mais em lugares confinados conhecidos como “golfinários” ou “delfinários”. E a maioria dos turistas sequer desconfia que estes pequenos e precários recintos nunca terão condições de imitar o habitat de origem de um golfinho ou lhe possibilitar manifestar seus comportamentos naturais. As pessoas também desconhecem toda a crueldade sofrida no processo de captura de um golfinho.

Muitos dos golfinhos mantidos em cativeiros são do tipo nariz de garrafa, conhecido também como golfinho-roaz. Eles são capturados por barcos a motor enquanto se deslocam em bandos no mar, sendo dominados e içados, ou então emboscados por redes de pesca. Suas complexas estruturas e vínculos sociais são destruídos, e o medo e sofrimento causados durante a captura significa que muitos morrem pouco tempo depois.

Estresse no cativeiro

Aqueles que sobrevivem passam o resto de suas vidas em piscinas de águas cloradas, que não são mais do que uma fração ínfima dos vastos oceanos onde aqueles que vivem em liberdade nadam, podendo percorrer até 1.076 km em apenas 20 dias. O cloro das piscinas, no entanto, pode lhes causar problemas de pele e visão. Em países tropicais, estes golfinhos também podem sofrer queimaduras de sol, já que, ao contrário dos oceanos, eles não têm como se defender do sol nas profundezas do mar. Eles estão igualmente mais propensos a diversas doenças, inclusive aquelas provocadas pelo contato humano.

Assim, vários precisam de antibióticos para sobreviver. O estresse da vida em cativeiro pode também lhes causar ataques cardíacos e úlceras gástricas.

Piscinas de bordas lisas – tão diferentes das formações rochosas e de corais dos oceanos – também comprometem o deslocamento natural destes animais na água, já que ele se dá por meio de ecolocalização.

A expectativa de vida de um golfinho vivendo em cativeiro é bem menor do que a de um golfinho em vida selvagem, que pode viver até 50 anos, em média.

Números crescentes

Em todo o mundo hoje, existem aproximadamente 80 estabelecimentos certificados oferecendo nados com golfinhos entre as suas atrações. Estima-se também que haja em torno de 1.600 golfinhos roazes sendo utilizados para fins de entretenimento em todo o mundo. Há ainda outros estabelecimentos não certificados, além daqueles que não mantêm os seus dados atualizados e, portanto, este número pode ser ainda mais elevado.

Estas atrações são especialmente vistas na América do Norte, na Ásia, na América do Sul, na Europa, na Austrália, no Caribe e no Pacífico Sul. Algumas delas são bem grandes, como o SeaWorld de San Diego, que atraiu mais de 4 milhões de turistas em 2012.



Fatos sobre os golfinhos nariz de garrafa silvestres

Tamanho dos bandos:

Aproximadamente 12 golfinhos

Expectativa de vida:

Até 50 anos

Extensão do território

Até 300 km²

Encontrados:

Em águas tropicais e temperadas

Número de espécimes em liberdade:

Aproximadamente 600 mil

Imagem à esquerda: Homem nadando com um golfinho em um aquário. iStock. de Getty Images

Imagem à direita: Um golfinho silvestre pulando na esteira deixada por um barco. iStock. de Getty Images



Macacos dançantes

Se os macacos que dançam e se exibem nas ruas, em espetáculos e em zoológicos da Ásia pudessem falar, eles certamente contariam histórias difíceis de serem ouvidas.

Somente na Indonésia, estima-se que em torno de três mil macacos são anualmente arrancados dos braços de suas mães após estas serem abatidas por caçadores. Profundamente traumatizados, já que, em condições normais, não abandonariam as suas mães até completarem onze meses de vida, alguns deles são comercializados para a indústria de entretenimento. Uma vez nas mãos de seus novos proprietários, é então iniciado o adestramento macabro destes animais.

Os métodos de "adestramento" utilizados para forçar um macaco asiático a se exibir para seres humanos – seja dançando, 'tocando' guitarra, andando de bicicleta ou apanhando cocos em árvores para turistas – são brutais. Eles conduzem a prolongados danos físicos e mentais para estes animais.

Controle sufocante

Primeiro, coleiras atadas a correntes são colocadas no pescoço destes macaquinhos como forma de controle. À medida que eles crescem, estas coleiras podem ficar tão apertadas que acabam por se encravar no corpo destes animais, causando-lhes infecções bastante dolorosas, além de várias doenças. Nos momentos em que eles não estão sendo adestrados ou se apresentando para o público, as coleiras são usadas com o propósito de confiná-los em jaulas minúsculas e precárias, ou então para mantê-los presos quando estão ao ar livre.

As sessões de adestramento podem durar de quatro a seis horas diárias e se estenderem por até seis meses. Elas podem ser individuais ou em centros com vários macacos submetidos a vários adestradores diferentes. Para forçar um macaco a andar em posição ereta, só sobre duas patas, seus adestradores amarram os braços do animal na altura das costas e usam a corrente atada a seu pescoço para forçá-lo a ficar em posição vertical, encurtando progressivamente esta corrente com o propósito de obrigá-lo a se manter nesta posição, com apenas duas patas no chão. Submetido a tamanha tortura, o animal pode ser mantido nesta posição ereta durante horas. Não raro, ele pode ser também espancado se não fizer o que mandam os seus treinadores, como segurar objetos ou usar vestimentas.

Vários jovens macacos não resistem a um adestramento tão atroz. Já os que sobrevivem são obrigados a se apresentar como atrações diariamente durante um período de 5 a 10 anos, até o momento em que se tornam grandes e agressivos demais para serem manipulados. Alguns acabam sendo vendidos e depois mortos para servirem de alimento popular ou fina iguaria em restaurantes cujos clientes apreciam a carne de macaco.

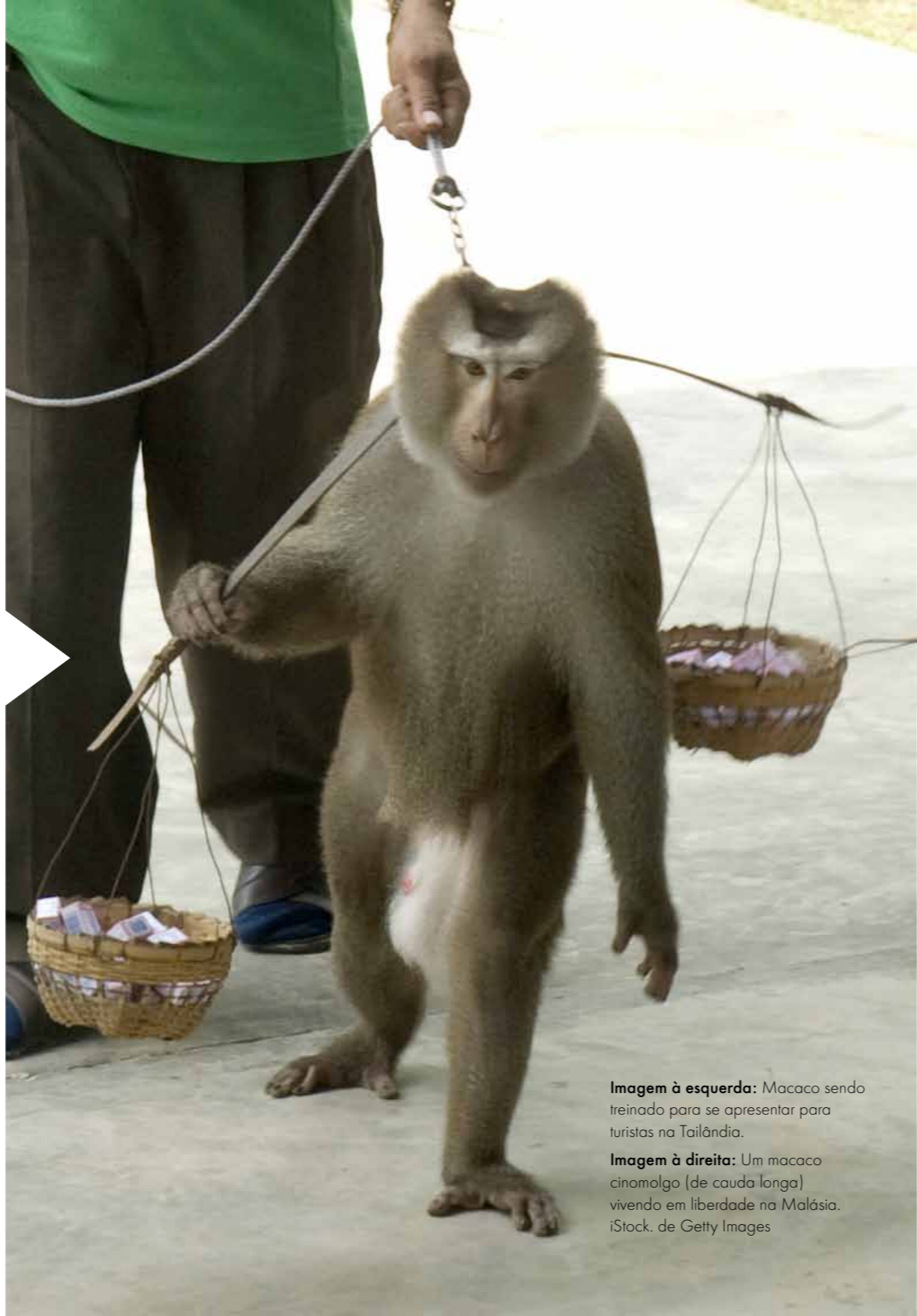


Imagem à esquerda: Macaco sendo treinado para se apresentar para turistas na Tailândia.

Imagem à direita: Um macaco cinomolgo (de cauda longa) vivendo em liberdade na Malásia. iStock. de Getty Images

Fatos sobre os macacos asiáticos silvestres

Expectativa de vida:

Em média 31 anos

Extensão do território:

300 km²

Encontrados:

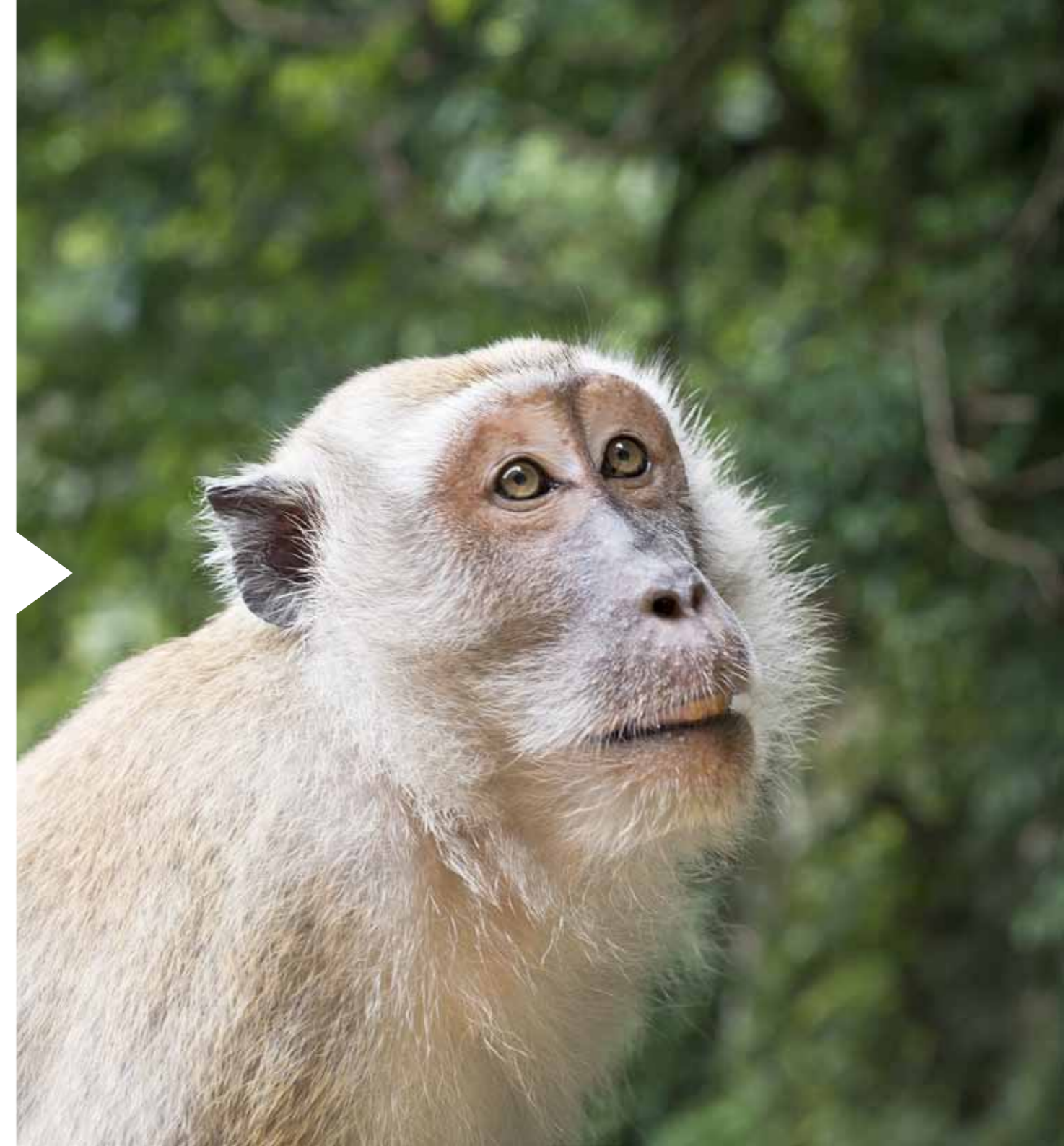
Em países asiáticos, como a Índia e a Indonésia.

Categoria na lista vermelha da IUCN:

Pouco preocupante, nos casos do macaco-rhesus e do macaco cinomolgo (de cauda longa); ou vulnerável, no caso do macaco rabo de porco

Número de espécimes vivendo em liberdade:

Desconhecido



Transformando atrocidades em passado

Como rompemos as correntes da crueldade

Até o momento em que começamos a agir para dar um basta a tanta crueldade, a dança com ursos era vista como uma forma comum de entretenimento para turistas e residentes na Grécia, na Turquia e na Índia.

Em geral, a maioria dos espectadores deste tipo de espetáculo desconheciam toda a cadeia de exploração e de maus-tratos sofridos por estes animais, assim como as condições terríveis em que eles eram mantidos.

Para alimentar esta indústria cruel, fêmeas de ursos eram frequentemente abatidas e tinham seus filhotes tomados por caçadores. Vendidos para seus novos proprietários, estes filhotes tinham os seus focinhos perfurados com uma argola de metal ligada a uma corrente, que era manuseada de maneira a forçar estes animais a 'dançar' no compasso do ritmo desejado. Os métodos de adestramento incluíam desde repuxos bruscos com a corrente ou golpes nas pernas, até manter o animal sobre uma chapa de metal quente para forçá-lo a ficar em posição vertical.

Até o fim da dança dos ursos, mais de cem filhotes de urso eram caçados em seu habitat anualmente para atender à demanda. E quando demos início a este nosso projeto, em 1998, mais de mil ursos vinham sendo utilizados nestes espetáculos inaceitáveis, tanto em rotas turísticas quanto em áreas rurais.

O que fizemos para ser a 'última dança'

Capacitar os kalandars, tradicionais proprietários dos ursos dançantes, para que pudessem entregar os seus ursos em troca de uma nova e mais estável ocupação profissional foi fundamental para o sucesso de nossa campanha, que foi concluída em 2012.

Este projeto ímpar, com duração de cinco anos e voltado a propiciar alternativas de subsistência a estes donos de ursos, foi desenvolvido em parceria com a Wildlife Trust of India (WTI) e obteve 100% de sucesso entre mais de 50 kalandars que inicialmente demonstraram maior resistência em entregar os seus ursos para mudar de vida. Tais modos alternativos de subsistência incluíram a formação de padeiros, lojistas e motoristas de táxi.

Outro fator determinante para o nosso sucesso foi o trabalho em conjunto com a WTI e com comunidades locais para dar fim à caça e à captura de ursos silvestres.

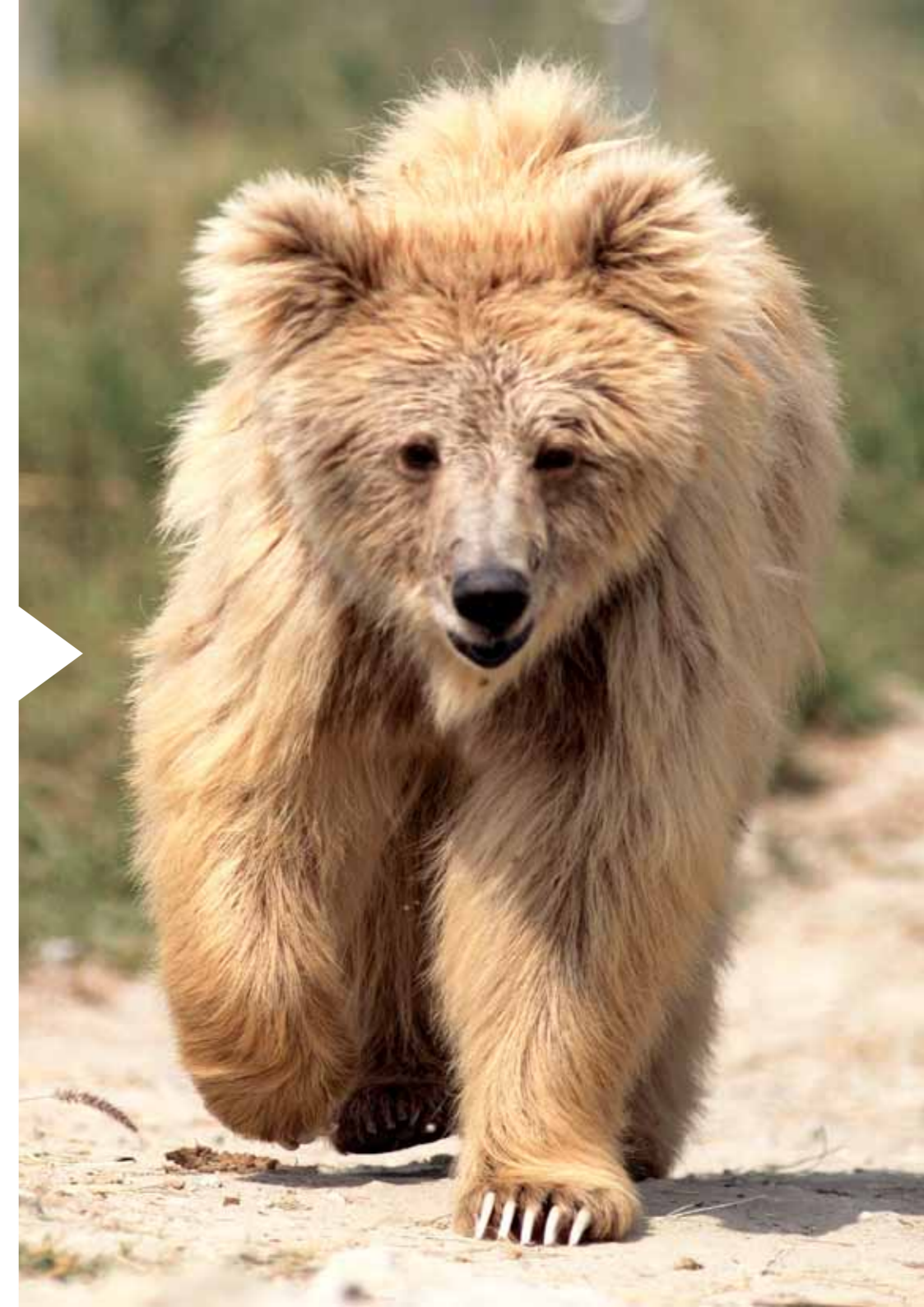
Para tanto, desenvolvemos e ministramos um treinamento de vigilância anti-caça para mais de 400 guardas florestais e voluntários, que vêm agora supervisionando centros anti-caça remotos.

Dar a estes ursos libertados um lugar seguro para que pudessem viver e ser tratados até o fim de suas vidas foi também fundamental, já que, por terem vivido em cativeiro por toda a sua existência e sido submetidos a enormes maus-tratos, eles não teriam mais como se defender se devolvidos ao seu habitat. Os primeiros ursos entregues pelos kalandars foram abrigados em um santuário subvencionado pela World Animal Protection que depois foi doado para a organização local Wildlife SOS, a qual, desde então, vem erguendo outros santuários dedicados a ursos resgatados em todo o continente indiano.

Agindo para manter a vida silvestre como ela deve ser: silvestre

Torne-se você também um turista amigo dos animais, fazendo o download do nosso guia de viagem e se juntando à nossa comunidade voltada a mover o mundo para proteger os animais.

► beforetheybook.org
(site em português)



Somos World Animal Protection.

Erradicamos o sofrimento desnecessário dos animais.

Influenciamos autoridades para que coloquem os animais na agenda global.

Ajudamos o mundo a entender a importância dos animais para todos nós.

Inspiramos as pessoas a melhorar a vida dos animais.

Movemos o mundo para proteger os animais.